
Estabelecendo pontes entre o Brasil e os seus vizinhos hispânicos: Uma história da idéia de Argentina

Ernesto Ortíz-Díaz
University of California, Davis

Shumway, Nicolas. *A Invenção da Argentina: História de uma idéia*. Trad. Sérgio Bath e Mário Higa. São Paulo e Brasília: Edusp, Editora UNB, 2008. 408 pp.

A proximidade geográfica entre a Argentina e o Brasil é bastante grande. Porém, não poderíamos falar da mesma *proximidade* se descrevêssemos o contato e a permeabilidade da fronteira entre os dois povos sul-americanos em questões históricas, intelectuais e de identidade nacional. Tanto a Argentina quanto o Brasil têm se definido como nações por vias e processos históricos bem distintos. Talvez seja a quase *acidental* (por causa dos territórios da Bolívia, do Paraguai e do Uruguai terem quase impedido tal vizinhança) e nada longa linha de fronteira que ambos os dois países compartilham uma metáfora da tradicional falta de comunicação entre eles.

A leitura da tradução em língua portuguesa do ensaio *The Invention of Argentina* (1991) de Nicolas Shumway realizada por Sérgio Bath e Mário Higa oferece pontes de interpretação desde a história política e a história intelectual argentina para reduzir essa distância. *A Invenção da Argentina: História de uma idéia* (2008) chega nas livrarias do Brasil e do mundo lusófono num momento muito especial no marco do MERCOSUL e da quase indiscutível liderança regional do Brasil nos planos econômicos e diplomáticos na América Latina. Para o Brasil legitimar seu papel de representante da região, é importante um profundo conhecimento dos seus vizinhos.

A Invenção da Argentina explica a gênese e progressão da idéia de identidade nacional na Argentina desde a sua independência –bem precoce em relação à brasileira– e ao longo de todo o agitado século XIX. O livro parte da premissa de que as nações são criações humanas, não naturais, e identifica nas origens da Argentina uma dissensão irreconciliável desde o próprio momento da sua fundação como nação. Ao descrever a formação da nação argentina, Shumway explica as conseqüências do desacordo *ab initio* entre os seus intelectuais, que

em vez de formular uma idéia nacional unificadora produziram uma divisão tão longe do consenso que desembocou na criação do que Ernesto Sábato, segundo aponta Shumway, definiu como uma *sociedade de opositores*.

Shumway estuda essa *mitologia da exclusão* que caracteriza a Argentina desde os que ele identifica como seus elementos ou *ficções-diretrizes*, que em suas palavras, são: “[A]s ficções que orientam as nações não podem ser comprovadas, são de fato produtos tão artificiais quantos as ficções literárias. No entanto, são necessárias para dar aos indivíduos um sentido de nação, de povo, uma identidade coletiva e um objetivo nacional” (17). Ao longo do ensaio, o autor analisa as ficções-diretrizes que aparecem na obra dos pensadores e escritores mais importantes do país entre 1808 e 1880, e que contribuíram com suas idéias na forjadura da identidade nacional. Shumway afirma que foi nesse período que surgiram e se consolidaram os paradigmas retóricos da nação, dado que inclusive depois de 1880 as ficções continuam a modelar e dar forma às ações e ao conceito de identidade na Argentina.

O livro está organizado em dez capítulos nos quais o autor se debruça sobre os escritos e os pensamentos de intelectuais argentinos que participaram do debate sobre a identidade nacional e a criação de suas ficções-diretrizes. Assim, no capítulo 1, estuda-se a situação de improvisação desde onde os intelectuais tiveram de ensaiar uma idéia de nação nos inícios da luta pela independência. Ao mesmo tempo, o autor introduz a questão do localismo de Buenos Aires e o choque contra os caudilhos das províncias do interior argentino. O capítulo 2 estuda a figura de Mariano Moreno, talvez o intelectual mais influente na consagração das ficções-diretrizes do Estado-nação argentino que, segundo Shumway, ainda são vigentes. O autor identifica no pensamento de Moreno a divisão e o paradoxo que caracterizariam a política argentina daquele tempo:

Qualquer que seja o valor intrínseco do que escreveu, ou as distorções da história oficial, Moreno é útil como paradigmas das atitudes contraditórias que permeiam o pensamento argentino. De um lado, ele recorreu à retórica da liberdade para advogar um reinado do terror; pregou a livre expressão de idéias embora apoiasse pessoalmente a censura; adotou um papel hegemônico para Buenos Aires não obstante ocasionalmente rendesse homenagem verbal aos ideais de igualdade das províncias; defendeu um congresso constitucional com representantes eleitos e depois tentou excluir os líderes provinciais de que discordava; usou termos elevados para referir-se à soberania popular, mas preferiu o governo de minoria ‘esclarecida’. (74)

Quando partiu ao exílio na Inglaterra surgiram as rivalidades entre “saave-

dristas” e “morenistas”, que desembocaram na criação dos partidos unitário e federal, partidos que lutariam ao longo de todo o século XIX pelo poder político e por impor sua própria idéia de nação.

O capítulo 3 gira em torno das ficções-diretrizes populistas que se opunham àquelas que nasceram em Buenos Aires, de inspiração europeísta. As províncias também produziram suas próprias ficções para justificar seu reclamo de poder. Segundo Shumway, José Gervasio Artigas, que se considerava um federalista, representou essas ficções antiliberais, protecionistas, populistas, nativistas e personalistas que, no entanto, “ainda definem as noções fundamentais do populismo argentino” (102). Foi graças a Bartolomé Hidalgo que o pensamento político de Artigas se concretizou numa literatura peculiar à região do rio da Prata, conhecida como gênero gauchesco, que tentou assegurar um lugar nas ficções-diretrizes do país para o indivíduo comum, os camponeses pobres, os mulatos, a não-elite. A influência de Hidalgo é duradoura, pois no século XX, os escritores nacionalistas e populistas “seguinto na direção de Hidalgo, tornaram o gaúcho o símbolo da Argentina autêntica, que supostamente tinha sido violada, traída e pilhada por uma classe superior gananciosa, proeuropéia e antinacional, associada a aliados estrangeiros” (106).

Precisamente, no capítulo 4, Shumway se concentra no estudo do governo do político morenista Bernardino Rivadavia e os seus seguidores, os “rivadavianos”, cujo projeto de nação era oposto ao apresentado por Artigas e Hidalgo através de ficções-diretrizes federalistas e populistas. Entre 1821 e 1827, Rivadavia se dispôs a organizar uma nova sociedade, que seria uma vitrine da civilização ocidental, “um exemplo da cultura européia na América: Paris nos pampas” (122). A “Feliz Experiência”, como se conhece aquele breve período, terminou com o exílio de Rivadavia na Europa.

Shumway dedica os capítulos 5, 6 e 7 ao grupo de escritores da Geração de 1837 que “produziu algumas das ficções-diretrizes mais duradouras da Argentina” durante a ditadura de Juan Manuel de Rosas e, muitas vezes, desde o exílio (157). O plano desses pensadores (Alberdi, Echeverría, Sarmiento e Mármol) era identificar sem idealizar os problemas que enfrentava a Argentina nesse momento e, também, criar um programa de ação que faria do país uma nação moderna. Os escritores chegaram à conclusão de que a dominação da paisagem, a superação do atraso resultante da herança colonial espanhola e a imigração européia levaria a Argentina ao caminho do desenvolvimento e da modernidade. Esses intelectuais em textos como *Facundo* (1845), propunham transformar o Cone Sul em Europa através das seguintes operações: imitação, imigração, investimento e importação. Porém, também surgiram desacordos e debates entre os membros dessa geração. Tal vez o mais importante seja aquele que acabou com a união do grupo: a polêmica que travaram Sarmiento e Alberdi depois da queda de Rosas em 18xx. Enquanto Alberdi apóia Urquiza e a Confederação com capital em Paraná, Sarmiento se identifica com

Buenos Aires e Bartolomé Mitre, a figura mais importante na cidade naquela época.

O capítulo 8 continua a analisar os efeitos do debate entre Sarmiento e Alberdi: Shumway estuda especificamente o legado de Bartolomé Mitre na historiografia oficial argentina através de sua *Galería de Celebridades Argentinas* (1857-1858). Nessa coleção Mitre concebeu a história como um outro campo de batalha onde defende os privilégios e a visão de Buenos Aires sobre as das províncias.

Finalmente, os capítulos 9 e 10 discutem as raízes do nacionalismo argentino e se debruçam sobre o pensamento nacionalista no período entre 1852 e 1880. Tal pensamento político, segundo Shumway, emergiu, principalmente, dos escritos de Alberdi, Carlos Guido y Spano e Olegario V. Andrade. O pensamento nacionalista argentino seguiu cinco impulsos: 1) reestruturação da história para definir a Argentina como uma nação dividida não por ideologias políticas, mas por realidades econômicas, 2) revalorização do caudilhos como autênticos líderes populares em sua luta contra o predomínio de Buenos Aires, 3) expressão da solidariedade ideológica com outros povos latino-americanos, 4) ênfase na herança espanhola frente ao fascínio por modelos franceses, ingleses e norte-americanos e 5) glorificação dos homens do campo em que o gaucho emerge como “o protótipo de valores autenticamente argentinos e vítima da ambição egoísta da oligarquia” em vez de ser considerado bárbaro e excluído (280). O poema *Martín Fierro* (1872), de José Hernández, e o livro *Expedición a los indios ranqueles* (1870), de Lucio V. Mansilla seguem essa linha, pois neles se observa a influência de Hidalgo, se apresenta o pensamento da Confederação de Urquiza e da última etapa da obra de Alberdi, e se opõem à política de Sarmiento, que era nesse momento uma figura notável da política argentina.

Em seu ensaio *A Invenção da Argentina*, Nicolas Shumway demonstra como os vários mitos da nacionalidade (*ficções-diretrizes*) herdados dos homens que inventaram a idéia de Argentina continuam hoje em dia “a ser um fator na busca frustrada da realização nacional” (378). É, indubitavelmente, um estudo indispensável na biblioteca dos latino-americanistas pois oferece uma leitura inteligente e dinâmica do desenvolvimento intelectual argentino e dos processos sociopolíticos que o inspiraram. A tradução em língua portuguesa realizada por Sérgio Bath e Mário Higa chega definitivamente às livrarias num momento chave para a consolidação do conhecimento mutuo entre o Brasil e os seus vizinhos hispânicos e, ao mesmo tempo, oferece uma oportunidade única para ser ponto de partida para estabelecer ligações entre investigações que se realizam do lado brasileiro e do lado hispânico da fronteira.